



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB**  
**FACULDADE DE AGRONOMIA E MEDICINA VETERINÁRIA**  
**GRADUAÇÃO EM AGRONOMIA**

**MAÍRA FERNANDES GUEDES**

**ABASTECIMENTO ALIMENTAR EM BURITIS-MG: A  
(DES)CONEXÃO ENTRE A PRODUÇÃO E O  
CONSUMO DE ALIMENTOS DA AGROPECUÁRIA  
LOCAL**

**BRASÍLIA**

**2023**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB**  
**FACULDADE DE AGRONOMIA E MEDICINA VETERINÁRIA -**  
**FAVGRADUAÇÃO EM AGRONOMIA**

**MAÍRA FERNANDES GUEDES**

**ABASTECIMENTO ALIMENTAR EM BURITIS-MG: A**  
**(DES)CONEXÃO ENTRE A PRODUÇÃO E O CONSUMO DE**  
**ALIMENTOS DA AGROPECUÁRIA LOCAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da Universidade de Brasília, como parte das exigências do curso de Graduação em Agronomia, para a obtenção do título de Engenheira Agrônoma.

Orientador:  
**PROF. DR. ARMANDO FORNAZIER**

**BRASÍLIA**  
**JULHO 2023**

## FICHA CATALOGRÁFICA

GUEDES, M. F.

Abastecimento Alimentar em Buritis – Minas Gérias, A (des)conexão entre a produção e o consumo de alimentos da agropecuária local/ Maíra Fernandes Guedes; orientação de Armando Fornazier – Brasília – 2023.

Monografia - de Brasília/Faculdade  
Agronomia e Universidade de  
Medicina Veterinária, 2023.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

GUEDES, M. F. **Abastecimento Alimentar em Buritis – Minas Gerais: A (des)conexão entre a produção e o consumo de alimentos da agropecuária local.** p.45, 2023. Monografia (Graduação em Agronomia) – Universidade de Brasília - UnB, Brasília, 2023.

## CESSÃO DE DIREITOS

**Nome da Autora:** Maíra Fernandes Guedes

**Título do Trabalho de Conclusão de Curso - Monografia:** Abastecimento Alimentar em Buritis – Minas Gerais: A (des)conexão entre a produção e o consumo de alimentos da agropecuária local.

**Grau:** Graduação **Ano:** 2023

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta monografia e para emprestar ou vender tais cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva-se a outros direitos de publicação e nenhuma parte desta monografia pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor.

Maíra Fernandes Guedes – CPF: 016.636.706-09. E-mail: [mairagrounb@gmail.com](mailto:mairagrounb@gmail.com)

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB**  
**FACULDADE DE AGRONOMIA E MEDICINA VETERINÁRIA -**  
**FAVGRADUAÇÃO EM AGRONOMIA**

**MAÍRA FERNANDES GUEDES**

**ABASTECIMENTO ALIMENTAR EM BURITIS-MG: A  
(DES)CONEXÃO ENTRE A PRODUÇÃO E O CONSUMO DE  
ALIMENTOS DA AGROPECUÁRIA LOCAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da Universidade de Brasília, como parte das exigências do curso de Graduação em Agronomia, para a obtenção do título de Engenheira Agrônoma.

COMISSÃO EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Armando Fornazier

Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da  
UnB

(Orientador)

---

Prof. Dra. Mireya Eugenia Valencia Perafán

Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da UnB  
(Examinadora)

---

Me. Amanda Borges de Souza  
Doutoranda CEPAN/UFRGS  
(Examinadora)

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho:*

*A Deus e a Nossa Senhora por me darem discernimento e força nessa trajetória; A minha mãe, parentes e amigos pelo apoio e amor.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Deus por todas as suas bênçãos e por todos os milagres realizados em minha vida. À Nossa Senhora, minha intercessora, por me cobrir com seu manto sagrado e sempre interceder junto a Cristo durante minha trajetória.

A minha mãe e melhor amiga, Maria Fernandes, por ser a luz na minha vida, depositar seu amor, compreensão, apoio, dedicação em minha criação e durante todos os dias de minha vida se manter presente. À ela que por muitas vezes abdicou de si para que pudesse me oferecer o melhor, todo o meu amor e agradecimento.

Ao meu pai, Divino Guedes pelo apoio e incentivo.

Aos meus familiares e amigos, que foram essenciais durante toda a graduação, que me incentivaram e me ajudaram a chegar até aqui.

Aos meus professores, por todos os ensinamentos e momentos de aprendizado.

Ao meu orientador, Dr. Armando Fornazier pelo apoio desde o início da graduação, por toda paciência, atenção, empenho e conselhos durante todo esse período.

Por fim, agradeço à Universidade de Brasília (UnB), que me proporcionou momentos incríveis e de amadurecimento. Local que tive o prazer de fazer amizades incríveis e conhecer pessoas extraordinárias.

## **LISTA DE SIGLAS**

ATER – Assistência Técnica e Extensão Rural

CEASA – Centrais de Abastecimento S.A

CSA - Comunidade que Sustenta a Agricultura

DAP – Declaração de Aptidão ao Pronaf

EMATER - MG – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais

FEADER - Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IMA- Instituto Mineiro de Agropecuária

MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento PAA – Programa de Aquisição de Alimentos

PAM - Produção Agrícola Municipal PPM - Pesquisa da Pecuária Municipal

PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar

PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar RIDE/DF– Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UE - União Europeia

## RESUMO

A agricultura é de extrema importância para as pequenas cidades, pois fornece alimentos e produtos essenciais para o seu crescimento econômico. Além disso, permite aos agricultores gerar renda, criar empregos, desenvolver infraestrutura e, assim, melhorar a qualidade de vida na comunidade. O município de Buritis, estado de Minas Gerais (MG), faz parte da Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno (RIDE/DF) sendo um município onde predomina a agropecuária. O presente trabalho tem como objetivo pesquisar sobre o grau de conexão entre o que é consumido e o que é produzido pela população do município. Ainda, analisar os fatores que facilitam e os que dificultam o abastecimento alimentar local, identificar os equipamentos de consumo de alimentos que permitem analisar as cadeias de comercialização do município. Foram utilizadas pesquisas bibliográficas, pesquisa documental e de campo, entrevistas presenciais e *online* por meio da plataforma Google Forms. Os entrevistados possuem interesse em adquirir produtos produzidos em Buritis-MG porém relatam dificuldade em localizar meios efetivos de escoamento da produção. Tendo em vista, a enorme capacidade produtiva do município e os diversos meios de comercialização, os comerciantes e os consumidores ainda encontram dificuldades de encurtamento dessa cadeia, consumindo por muitas vezes, produtos advindos de fora do município por entraves que impedem ou não facilitam a compra e venda.

Palavras-chave: Agricultura, Cadeias Curtas; Abastecimento Alimentar Local; Comercialização.



## **ABSTRACT**

Agriculture is extremely important for small towns, as it provides food and essential products for their economic growth. In addition, it allows farmers to generate income, create jobs, develop infrastructure and thus improve the quality of life in the community. The municipality of Buritis, state of Minas Gerais (MG), is part of the Integrated Development Region of the Federal District and Surroundings (RIDE/DF) and is a municipality where agriculture predominates. The present work aims to investigate the degree of connection between what is consumed and what is produced by the population of the municipality. Also, to analyze the factors that facilitate and those that hinder the local food supply, identifying the food consumption equipment that allows analyzing the reception chains of the municipality. Bibliographic research, documentary and field research, face-to-face and online interviews through the Google Forms platform were used. The desired ones are interested in purchasing products produced in Buritis-MG, but report difficulty in locating effective means of disposing of production. In view of the enormous productive capacity of the municipality and the various means of commercialization, merchants and consumers still find it difficult to shorten this chain, often consuming products from outside the municipality due to obstacles that prevent or do not facilitate the purchase and sale.

## Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. OBJETIVOS.....	13
2.1. OBJETIVO GERAL.....	13
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	13
3. METODOLOGIA.....	14
4. ASPECTOS DO LOCAL DA PESQUISA E REVISÃO DE LITERATURA...17	
4.1. ASPECTOS SOBRE O MUNICÍPIO DE BURITIS, MINAS GERAIS.....	17
4.2. ABASTECIMENTO ALIMENTAR.....	19
4.3. CADEIAS CURTAS NO ABASTECIMENTO ALIMENTAR.....	23
4.4. POLÍTICAS PÚBLICAS E O PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR.....	26
4.5. AGRICULTURA FAMILIAR NO BRASIL.....	28
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	31
5.1. COMPOSIÇÃO DA AGROPECUÁRIA DE BURITIS-MG.....	31
5.2. PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO LOCAL.....	37
6. CONCLUSÃO.....	44
7. REFERÊNCIAS.....	46
8. APÊNCIDES.....	50
8.1. APÊNDICE I.....	50
8.2. APÊNDICE II.....	51
8.3. APÊNDICE III.....	52
8.4. APÊNDICE IV.....	53

## 1. INTRODUÇÃO

O processo de modernização das atividades agropecuárias possibilitou a consolidação do agronegócio e transformou as estruturas produtivas rurais. Em municípios onde a base econômica é o agronegócio, a agricultura familiar é vista sob duas perspectivas: a primeira considera que os agricultores podem se inserir de forma autônoma e competitiva no mercado de hortifrutigranjeiros e a segunda, que eles precisam subsistir por meio de políticas públicas compensatórias, para que não se tornem excedentes de mão de obra nas cidades (CONTINI, 2001).

O desenvolvimento está associado à criação de capacidades, sejam elas culturais, políticas, humanas ou técnicas; possibilitando às famílias rurais agir para melhorar suas condições e qualidade de vida, por meio de mudanças em suas relações com as esferas do Estado, da sociedade civil e do mercado (IPEA, 2013).

Para Kageyama (2004) o desenvolvimento rural é "multissetorial" e "multifuncional". Segundo a autora, o desenvolvimento rural é "multissetorial", pois se refere a uma base territorial, local ou regional, na qual diversos setores produtivos interagem entre si. As áreas rurais desempenham diversas funções; além da produtiva, envolvem diversas atividades, como o artesanato, processamento de produtos naturais, atividades relacionadas ao turismo rural e à conservação do meio ambiente.

As novas demandas para o desenvolvimento do meio rural, em especial aquelas que envolvem a construção de mercados para agricultura familiar, têm incentivado importantes investigações acadêmicas, sobretudo para melhor compreender o modo de comercialização dos alimentos. Os mercados agropecuários e os canais de comercialização influenciam diretamente a geração de renda no campo, o que implica também nos aspectos socioeconômicos dos agricultores familiares (ABRAMOVAY, 2009; VAN DER PLOEG, 2011).

O Sistema Agroalimentar (SAG) é o conjunto formado por todas as cadeias produtivas dedicadas à produção de alimentos, cuja demanda de produtos não é caracterizada apenas pelo critério de quantidade/preço e

oferece o devido lugar à economia da qualidade (WILKINSON, 2008).

Nos SAGs, a comercialização é o mecanismo que conecta o produtor ao consumidor final através de canais que realizam o escoamento dos produtos, por exemplo, supermercados, feiras, venda direta, entre outros. Os mercados estão incorporados nos processos sociais de produção de alimentos, ou seja, estudar mercados alimentares também é estudar as relações que são construídas entre aqueles que produzem e aqueles que consomem (RELVAS, 2022). As cadeias produtivas têm se mostrado uma forma interessante de análise das configurações alimentares, seja por meio de critérios econômicos e sociais, ambiental ou de saúde pública.

O jornalista Michael Pollan (2007) afirma que sete a dez calorias de combustíveis fósseis são usadas para produzir uma caloria de energia alimentícia, sendo que somente 1/5 dessas calorias vai para a produção dos alimentos propriamente dita. O restante é destinado para beneficiamento e transporte desses alimentos.

Os autores Saunders, Barber e Taylor (2006) concordam que as *food miles* ou distância percorrida pelos alimentos são uma maneira muito simplista de medir o impacto ambiental de um sistema agroalimentar que deve considerar o total dos gastos energéticos envolvidos nas diferentes etapas produtivas. *Food miles* é um termo cunhado por Tim Lang no início dos anos 1990 que refere-se à distância percorrida pelos alimentos durante seu processo produtivo e seus impactos ambientais até chegar aos consumidores (FORNAZIER; BELIK, 2013).

Entre os benefícios do *food miles*, podemos citar a redução dos custos de transporte, devido a menor distância percorrida entre o local de produção e o de consumo. Uma melhor qualidade dos alimentos, principalmente os perecíveis, atribuindo ao consumidor um alimento mais fresco. Assim, refletindo na redução da pegada de carbono e dos impactos ambientais gerados pelo transporte excessivo. (AKAICHI, 2017).

Dessa forma, o movimento busca o estreitamento das relações entre o consumidor e o agricultor e, implicitamente, entre o meio urbano e o rural, alimentando um tipo de 'confiança face a face', discutida por Portilho e Castañeda (2011) em estudo realizado em uma feira orgânica brasileira,

certificada na cidade do Rio de Janeiro.

Inserido nesse contexto, o presente estudo visa avaliar e discutir sobre a produção e distribuição de uma região inserida em um grande centro produtor agropecuário, que é a cidade de Buritis, no estado de Minas Gerais. Avaliar e identificar o padrão alimentar da população local para analisar as possibilidades da produção da região atender à demanda gerada bem como os fatores que facilitam e os que dificultam o abastecimento alimentar local e os projetos que se inserem.

## **1.1 OBJETIVOS**

### **1.1.1 OBJETIVO GERAL**

O objetivo geral deste trabalho é pesquisar as (des)conexões entre a produção e o consumo de alimentos da agropecuária local no abastecimento alimentar no município de Buritis, estado de Minas Gerais.

### **1.1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Analisar a produção agropecuária do município de Buritis, MG;
- Identificar equipamentos de consumo de alimentos do município de Buritis, MG;
- Verificar as (des)conexões entre o que o município de Buritis, MG produz de alimentos e o que é consumido localmente;
- Analisar fatores facilitadores e/ou dificultadores das (des)conexões entre a produção e o consumo local de alimentos em Buritis, MG e propor soluções para aumentar a conexão entre produção e consumo de alimentos locais.

## 2. METODOLOGIA

Para atingir os objetivos da pesquisa utiliza-se de pesquisa bibliográfica, documental e pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica segundo Prodanov e Freitas (2013) é elaborada a partir de material já publicado, por exemplo, livros, revistas, artigos científicos, etc. As referências acadêmicas são sobre o abastecimento alimentar, canais de comercialização como supermercados, compras públicas ou mercados institucionais, feiras, venda direta, entre outros.

Na pesquisa documental segundo Prodanov e Freitas (2013) utiliza-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico e citam alguns documentos como anuários, editoriais, leis, atas, relatórios, ofícios, correspondências, panfletos, entre outros. Pode-se buscar informações em documentos que foram coletados por outras pessoas e organizações, por exemplo, estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre a produção agropecuária, população, renda, entre outros. Nesse caso serão utilizados dados do Censo Agropecuário de 2017 e pesquisas como a Produção Agrícola Municipal (PAM) e Pesquisa da Pecuária Municipal (PPM). Outros documentos podem ser relatórios da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (EMATER - MG), Secretaria Municipal de Agricultura de Buritis, MG, entre outros. Por parte do consumo pode-se identificar dados (documentos) dos equipamentos de comercialização como supermercados, feiras, agroindústrias, escolas, hospitais, entre outros. Alguns documentos podem ser contratos realizados através de Chamadas Públicas pela prefeitura local para gêneros alimentícios da agricultura familiar.

A pesquisa de campo “é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta, ou de uma hipótese, que queiramos comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 59).

Para isso se adotará questionários on-line e entrevistas semiestruturadas com roteiro. Essa etapa é importante principalmente quando as informações que se necessita não estão disponíveis e também quando se busca entender fatores motivadores ou dificuldades de acessarem os mercados ou de adquirir alimentos da agropecuária local. As fontes serão representantes dos equipamentos de comercialização do município como supermercados, gestores públicos

principalmente no que se refere às compras públicas. Nas feiras se buscará também informações sobre a origem dos alimentos que são comercializados, se são locais ou não, etc. Por parte da produção uma alternativa é buscar informações com a aplicação de questionários e/ou entrevistas ou com suas organizações como associações e/ou cooperativas e/ou sindicatos rurais para entender das (des)conexões com os mercados locais, ou seja, se estão comercializando localmente e que fatores facilitam ou dificultam comercializar os alimentos no município.

As informações e dados serão sistematizados conforme o tipo de pesquisa. Quando há um maior número de dados quantitativos serão realizadas tabelas e gráficos para caracterizar produtores e consumidores. No caso de informações qualitativas essas serão descritas por meio da transcrição das entrevistas. Também se pode adotar imagens como fotos dos equipamentos de comercialização, entre outras. Na pesquisa de campo é adotado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), ou seja, os entrevistados são informados da finalidade da pesquisa e nos resultados não são identificados os participantes por nome. Os dados, informações e referências sobre a temática são analisados para responder os objetivos da pesquisa seguindo o modelo de artigos científicos. Uma etapa também importante na pesquisa é depois de concluída fazer uma devolução aos atores que participaram da mesma, pois, as análises realizadas no campo científico como nas Universidades podem contribuir para entender a realidade e propor soluções no cotidiano, por exemplo, entender os facilitadores de compras alimentos localmente, propor soluções como políticas públicas para facilitar a conexão entre produtores e consumidores, entre outros.

Dessa forma, neste trabalho foram utilizadas: pesquisa de campo: entrevistas presenciais com o agrônomo da EMATER-MG de Buritis-MG (APÊNDICE I); com a secretária responsável pelo setor do projeto ALIMENTAqui do município (APÊNDICE II) realizada no mês de janeiro de 2023; foram realizadas entrevistas com produtores rurais do município (APÊNDICE III) realizadas entre o mês de fevereiro e março de 2023 e questionário on-line com público-alvo em consumidores de produtos provenientes da agricultura local através da Plataforma *Google Forms*

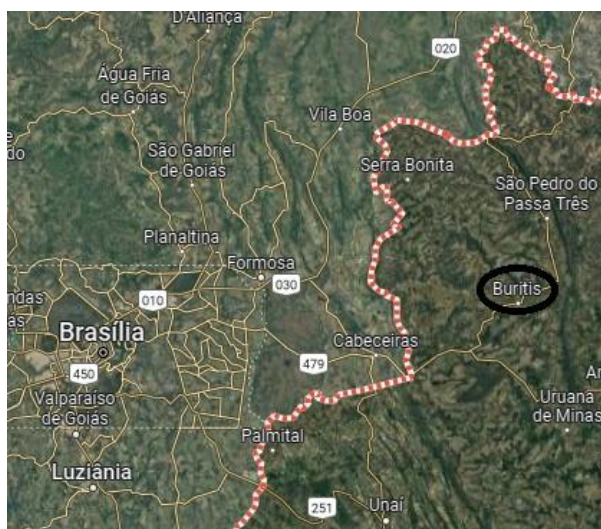
(APÊNDICE IV), no qual obteve-se 52 entrevistados para obtenção de dados, que responderam o formulário através de grupos de mensagem do *WhatsApp*, composto por 3 grupos que funcionam como uma rede de comunicação de compra e venda de produtos diversos entre os habitantes do município durante o mês de fevereiro de 2023.



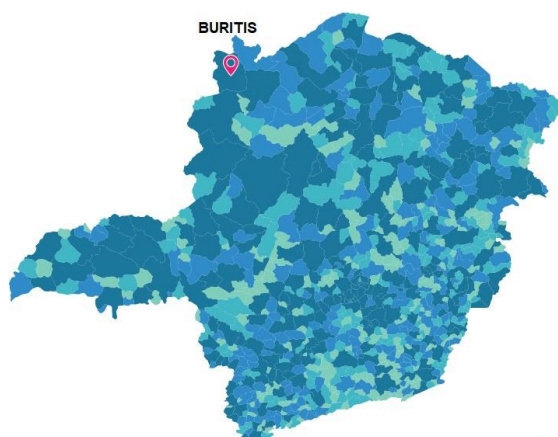
### 3. ASPECTOS DO LOCAL DA PESQUISA E REVISÃO DE LITERATURA

#### 3.1 ASPECTOS SOBRE O MUNICÍPIO DE BURITIS, MINAS GERAIS

O presente trabalho foi realizado na cidade de Buritis, que está localizada na mesorregião do Noroeste de Minas, microrregião de Unai e faz parte da Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno (RIDE-DF). O município possui uma população estimada em 25.179 pessoas habitantes (IBGE, 2021). As Figuras 1 e 2 mostram a localização do município de Buritis, MG.



**Figura 1.** Localização do Município de Buritis-MG e cidades onde faz limites. Fonte: Google maps, 2023.



**Figura 2.** Localização do Município de Buritis-MG  
Fonte: IBGE, 2021.

A história do município é descrita por alguns observadores, como o que

evidencia Valadares (2020) em suas palavras:

O arraial desenvolveu-se às margens da Veredinha e conforme registros históricos, de 1831 a 1833 morreram 154 pessoas, vítimas da Hidropsia (doença também conhecida por barriga d'água). Esta região também foi procurada por fugitivos da lei que provocavam a desordem e afugentaram os homens de bem. Na época mais difícil, o povoado ficou com apenas 72 casas de telha, 15 ranchos, a capela de Nossa Senhora da Pena e uma escola, formando 3 ruas. Com o passar dos anos, Buritis foi se desenvolvendo e se transformou num excelente ponto de negócio. Lentamente o progresso foi retomado, uma vez que os homens da região não deixaram de trabalhar para fazer com que o arraial voltasse a se desenvolver (VALADARES, 2020; p.4).

Os primeiros povoados deram-se a partir de expedições bandeirantes no cerrado mineiro. Situada no bioma cerrado, possui uma extensa variedade de espécies e recursos naturais, que atrai turistas durante o ano todo. A fauna apresenta muitas espécies típicas e dispõe de muitos recursos ecológicos. O clima do município é tropical. As águas nascentes na região integram a Bacia do Rio São Francisco, “o Rio da Integração Nacional” (CODEVASF, 2016).

O município faz divisa territorial com Formoso, Arinos, Unaí (MG) e Cabeceiras, em Goiás. Possui dois distritos, Serra Bonita e São Pedro do Passa Três. Está localizado 212 km de distância de Brasília, DF, e integra a Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno - RIDE- DF (VALADARES, 2013).

A RIDE-DF foi instituída pela Lei Complementar nº 94/1998 (BRASIL, 1998) e regulamentada pelo Decreto n.º 7.469, de 04 de maio de 2011 (BRASIL, 2011), em 2018 ela foi expandida para outros municípios (BRASIL, 2018), para efeitos de articulação da ação administrativa da União, dos Estados de Goiás, Minas Gerais e do Distrito Federal. Os interesses da RIDE-DF são os serviços públicos comuns entre os estados que o integram relacionados às áreas de infraestrutura, capacitação profissional e geração de empregos; saneamento básico; saúde e assistência social; educação e cultura; proteção ao meio ambiente e controle da poluição ambiental; uso e ocupação do solo; aproveitamento de recursos hídricos e minerais; turismo; segurança pública; turismo; habitação popular e produção agropecuária e abastecimento alimentar.

### 3.2 ABASTECIMENTO ALIMENTAR

Uma cadeia de abastecimento alimentar é o processo pelo qual todos os produtos alimentares passam, desde a produção até o consumo. A cadeia de abastecimento alimentar é, portanto, um passo extremamente importante na forma como você consome com segurança e entende os alimentos que ingere. No entanto, muitos consideram seu suprimento de comida pelo valor de face e não percebem que todas as etapas essenciais ocorrem entre a fazenda e a mesa (OLIVEIRA, 2019).

A cadeia de abastecimento alimentar compreende todas as fases pelas quais os produtos alimentares passam durante o seu movimento, desde o produtor até os consumidores. Agora, mais do que nunca, as cadeias de abastecimento de alimentos passaram por um grande período de crescimento. Embora isso possa inicialmente ser visto como benéfico para as linhas de produção de alimentos, significa, no entanto, que as cadeias inevitavelmente se tornarão mais fragmentadas. Isso torna mais difícil para os consumidores rastrearem facilmente seus alimentos até suas origens, muitas vezes com alimentos sendo transportados de todos os cantos do mundo, por um longo período de tempo (CASSIANO, 2021).

Segundo Oliveira (2019), existem certos estágios-chave que aparecem na cadeia de abastecimento alimentar, incluindo:

- **Produção** – É aqui que o abastecimento de alimentos começa a nível de produção e onde os alimentos são adquiridos. Seja cultivado ou desenvolvido, o alimento seguirá as diretrizes locais e internacionais para garantir a qualidade e a segurança alimentar.
- **Manuseio e Armazenamento** – Refere-se ao preparo e às etapas de última hora pelas quais os alimentos passam após a colheita do produto. Esta etapa ocorre antes que os alimentos sejam enviados para serem processados.
- **Processamento e Embalagem** – É aqui que o alimento, seja de origem vegetal ou animal, é convertido em uma forma comestível. Aqui é especialmente importante que o alimento atenda a todos os

requisitos de segurança alimentar ou alimento seguro antes de ser embalado para venda e distribuição.

- Distribuição – O alimento é transportado e distribuído ao retalhista (varejo) ou fornecedor necessário.
- Varejo – Este é o processo usado para entregar os produtos dos fornecedores aos consumidores e envolve desde a obtenção do alimento até a venda.
- Consumo – Isso ocorre quando o cliente compra um alimento de um varejista.

Para Perez-Cassarino *et al.* (2018), existem 6 modelos de cadeias de abastecimento de alimentos, mas todos se encaixam em uma das duas categorias – eficiência ou capacidade de resposta. Todas as cadeias de suprimentos conterão ambos os elementos de alguma forma, mas o foco principal será conduzido pelo modelo de cadeia de suprimentos do negócio. Os 6 modelos de cadeia de suprimentos são:

- Fluxo contínuo – Este modelo é benéfico para uso em produção de alta demanda, pois oferece estabilidade. Isso o torna ideal para fabricantes que fabricam produtos que não mudam com frequência.
- Cadeia rápida – Esses modelos funcionam bem para fabricantes que trabalham com produtos de ciclo de vida mais curtos, pois são flexíveis e os produtos podem ser trocados de maneira fácil e rápida.
- Eficiente – Em um mercado competitivo, modelos eficientes são o alvo de todas as cadeias de suprimentos. Eles fornecem altos padrões em um nível altamente eficiente.
- Ágil – Quando uma empresa de fabricação de alimentos lida com itens especiais, eles provavelmente usarão o gerenciamento ágil da cadeia de suprimentos porque isso permite que o movimento seja aumentado em casos necessários.
- Flexível – A capacidade de ser flexível em uma linha de produção de alimentos é um grande bônus, pois permite que as empresas atendam à demanda com mais facilidade.

- Personalizado configurado – Refere-se a modelos que são personalizados. Essa customização é definida durante a montagem e produção do produto. Pode ser visto como um híbrido entre os modelos ágil e de fluxo contínuo.

Uma cadeia de abastecimento de alimentos sólida é essencial para produzir produtos seguros que atendam à demanda do consumidor por alimentos de alta qualidade. As indústrias de varejo e hotelaria que compram os produtos, por exemplo, querem comprar alimentos de alta qualidade a um preço baixo do fornecedor para que ainda possam lucrar e oferecer preços competitivos. A chave para atender à demanda do consumidor por produtos alimentícios de alta qualidade começa com uma cadeia de abastecimento de alimentos bem gerenciada, e isso também ajudará a impedir que surjam problemas e causem perdas ao longo da linha (SILVA FILHO; GOMES JÚNIOR, 2020).

As cadeias de abastecimento de alimentos também são vitais para garantir a segurança alimentar e a rastreabilidade dos produtos, o que significa que tanto os fabricantes quanto os consumidores podem rastrear facilmente os alimentos até suas origens. Para os fabricantes, isso é necessário se forem necessários recolhimentos ou retiradas de produtos e, para os consumidores, significa que eles podem entender a origem de seus alimentos e como eles foram produzidos (PIANO; ROSSI, 2018).

Nos últimos anos, as pessoas tornaram-se mais conscientes do impacto ambiental que certas cadeias de abastecimento alimentar podem ter. Uma conclusão importante disso é o foco em cadeias curtas de abastecimento de alimentos. Existem benefícios econômicos, ambientais e sociais para cadeias alimentares mais curtas e a maior conexão com a origem dos alimentos provavelmente levará a menos desperdício e maior confiança entre os consumidores (SILVA FILHO; GOMES JÚNIOR, 2020).

Cadeias de abastecimento mais longas, por outro lado, resultam em menos compreensão dos processos agrícolas por trás dos alimentos que comemos, dos desafios enfrentados pelos agricultores e do impacto de nossas escolhas no meio ambiente. De fato, as cadeias alimentares curtas oferecem

benefícios mútuos tanto para os agricultores quanto para os consumidores, atuando como um modelo para aumentar a transparência, confiança, crescimento e equidade (MACÊDO; GOMES, 2021).

A cadeia de abastecimento alimentar desempenha um papel fundamental para garantir que os alimentos que ingerimos cheguem à nossa boca com segurança. É um sistema elaborado pela comunidade global para manter a segurança alimentar, sustentabilidade e segurança. Embora seja projetado e programado para funcionar sem erros, isso nem sempre pode ser evitado. Seja devido a um mau funcionamento do sistema, erro humano ou ataque cibernético, muitas coisas podem dar errado (PIANO; ROSSI, 2018).

Uma só interrupção na cadeia, seja ela de curto ou longo prazo, interna ou externa, pode levar a desabastecimento, envenenamento ou aumento de preços de produtos e muitas vezes afeta os mais vulneráveis da população (OLIVEIRA, 2019).

À medida que a tecnologia evolui, podemos examinar mais de perto as complexidades das cadeias de abastecimento de alimentos, o que é extremamente benéfico para permitir a comunicação entre várias áreas da cadeia. No entanto, ainda existem muitos desafios envolvendo a comunicação entre a indústria como um todo. A cadeia de abastecimento e alimentação está fragmentada. Cada empresa tem seu próprio sistema exclusivo com base em suas funções. Por causa disso, os trabalhadores em todas as áreas da cadeia de suprimentos podem enfrentar dificuldades para se comunicar uns com os outros de maneira adequada a seus diferentes sistemas. Isso pode resultar em qualquer coisa, desde entregas atrasadas, risco de contaminação e deterioração de alimentos (CASSIANO, 2021).

A tecnologia é parte integrante da cadeia de abastecimento de alimentos, e isso também traz riscos na forma de ataques cibernéticos. Da fazenda à mesa, os alimentos estão se tornando cada vez mais digitalizados – impulsionados pela crescente demanda do consumidor e pela incapacidade de acompanhar com base apenas em dados manuais. Por exemplo, durante as etapas de produção da cadeia de abastecimento de alimentos, a tecnologia é usada para monitorar as temperaturas de armazenamento e muito mais. Se

isso fosse comprometido, todo o abastecimento de produto nessas áreas de armazenamento não estaria mais seguro para o consumo (PIANO; ROSSI, 2018).

### **3.3 CADEIAS AGROALIMENTARES CURTAS NO ABASTECIMENTO ALIMENTAR**

Desenvolvimentos recentes no mercado de alimentos mostram um renascimento de formas tradicionais e diretas entregas de alimentos, juntamente com o surgimento de tipos mais inovadores de sistemas de distribuição que fornecem *links* diretos entre produtores e consumidores. Esses numerosos tipos de canais curtos de distribuição de alimentos, comumente chamados de cadeias curtas de abastecimento de alimentos, agora coexistem com canais mais longos e “convencionais” de distribuição em massa (QUEIROZ *et al.*, 2022).

Uma cadeia curta de abastecimento de alimentos é uma cadeia de abastecimento envolvendo um número limitado de operadores econômicos, comprometidos com a cooperação, o desenvolvimento econômico local e a manutenção de relações geográficas e sociais estreitas entre produtores, processadores e consumidores de alimentos (BELLETTI; MARESCOTTI, 2017).

As cadeias curtas de abastecimento de alimentos foram definidas pela primeira vez na política de desenvolvimento rural da União Europeia (UE) para 2014-2020. A política incentiva os produtores europeus a se envolverem em iniciativas de cadeias curtas de abastecimentos de alimentos com possibilidade de cofinanciamento do Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural (FEADER). Como resultado, os agricultores urbanos e rurais que vendem seus produtos diretamente aos consumidores, com o mínimo de intermediários, aumentaram em número nos últimos anos (QUEIROZ *et al.*, 2022).

Existem várias formas diferentes de cadeia curta de abastecimento de alimentos. Uma das mais simples é a venda direta do agricultor ao consumidor final (na fazenda, mercados de agricultores, entregas pela internet). Outras formas incluem esquemas de entrega de caixas, “escolha o seu próprio” e agricultura apoiada pela comunidade ou Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA), onde os consumidores apoiam financeiramente os

produtores locais comprando uma 'assinatura' de seus produtos frescos para uma determinada estação de cultivo. Os principais produtos normalmente comercializados em uma cadeia curta de abastecimento de alimentos são frutas e legumes frescos da estação, seguidos por produtos de origem animal (principalmente carne, fresca e preparada) e laticínios, bem como bebidas (DIAS *et al.*, 2017).

Em grande medida, o crescimento das cadeias curtas de abastecimento de alimentos pode estar ligado a uma mudança no comportamento do consumidor, que mostrou uma maior valorização dos alimentos locais e atributos relacionados, como o local de origem, métodos tradicionais de produção e técnicas de processamento. (BRIAMONTE; GIUCA, 2010; BRUNORI *et al.*, 2012).

As feiras livres funcionam como um grande varejo e como uma forma de encurtamento de cadeia, na maioria das vezes a formação ocorre em vias públicas, como avenidas e praças ou em estabelecimentos destinados pela prefeitura e associação de produtores, cooperativas. A feira livre é um canal que proporciona o contato direto entre o cliente final e o produtor, dessa forma, é possível identificar mais facilmente os desejos e necessidades do consumidor (DEIMLING; BRAZ, 2007). Michellon, Molina, Costa (2009), relatam que as feiras acabam se tornando mais atrativos que as frutarias e supermercados convencionais, em razão da maior diversidade, da dinâmica de negociação de preço, atendimento mais direcionado e um alimento mais fresco, o que permite uma relação harmônica entre o produtor e o consumidor.

Nesse aspecto, Godoy e Dos Anjos (2007) afirmam que a feira livre desempenha um papel importante dentro do contexto de consolidação econômica e social da agricultura familiar, pois funciona como um espaço público responsável pelas interações culturais dentro do local no qual está inserido.

Tanto as feiras como a venda direta em domicílio acarretam a vantagem de o produtor adquirir visibilidade, que por muitas vezes é impossibilitada devido à presença dos intermediários em cadeias agroalimentares longas; além de caracterizarem um espaço educativo que promovem uma benfeitoria



mútua de reciprocidade entre os atores, o que gera autonomia aos agricultores familiares (SILVA,2017; DAROLT, 2016).

Para Aquino e Schneider (2010), desde 1990 essa categoria agricultura familiar vem ganhando notoriedade e conquistando sua legitimidade no cenário brasileiro. Apesar da importância e dos avanços, Maluf (2004) aponta que a cadeia agroalimentar acaba impondo restrições à participação dos agricultores familiares no mercado. Scarabelot e Schneider (2012) corroboram essa ideia e indicam que a comercialização dos produtos provenientes da agricultura familiar ainda é um grande entrave para esses agricultores.

Sendo assim, em busca de uma solução que quebre os paradigmas estabelecidos, nos últimos anos, pesquisadores estimularam as discussões sobre circuitos/cadeias curtas de comercialização (CCC). De acordo com Darolt, Lamine e Brandenburg (2013) e Darolt *et al.* (2016), ainda há uma brecha científica sobre esse tema no Brasil, ocasionada principalmente por não haver uma definição pré estabelecida para os Circuitos Curtos de Comercialização (CCC).

Independente da denominação, esses tipos de circuitos de comercialização reforçam a autonomia e uma robusta participação de produtores e consumidores na definição dos modos de produção, bem como no consumo e na troca. Para Dubuisson-Quellier *et al.* (2011), os movimentos sociais adotam diferentes estratégias que tornam os cidadãos mais ativos, como as campanhas de conscientização, construção de possibilidades de compra e troca, investimentos em educação e lobby político. Da mesma forma, o conhecimento proporcionado por esses sistemas alternativos, considerando tanto as vantagens sociais como ambientais advindas dessa prática agrícola, enquanto expressões democráticas envolvendo instituições e pessoas, constroem fortes fontes de empoderamento, o que torna os cidadãos mais conscientes da sua alimentação (WILKINS, 2005; LEVKOE, 2006).

### 3.4 POLÍTICAS PÚBLICAS E O PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR

Quando se fala em políticas públicas, é preciso levar em consideração que, como se trata da intervenção estatal, em conjuntura ou não com a sociedade, essas precisam, de forma necessária acabar contemplando um certo intuito ou área em especificidade da realidade diária (SILVA NETO *et al.*, 2023).

Indivíduos e grupos geralmente tentam moldar políticas públicas por meio de educação, defesa ou mobilização de grupos de interesse. A formulação de políticas públicas é obviamente diferente nas democracias de estilo ocidental e em outras formas de governo. Mas é razoável supor que o processo sempre envolve esforços de grupos de interesse concorrentes para influenciar os formuladores de políticas a seu favor (AGUM *et al.*, 2015).

Essencialmente, a política pública é um conjunto de leis, diretrizes e ações

decididas e tomadas pelos governos para trabalhar em favor do público. A política pública pode ditar coisas como: quais leis são aprovadas, para onde vai o financiamento e quais tópicos dizem respeito ao público em geral (SOUZA, 2006).

Dito isto, a política pública não é simplesmente cumprir promessas de campanha. Muitas vezes, as políticas são debatidas e negociadas entre partes com interesses diferentes e também podem envolver partes que não fazem parte do próprio governo, como especialistas em áreas como ciência, saúde ou clima. Em geral, as políticas públicas são moldadas ao longo de vários anos e existem várias instituições que irão contribuir para a formação e detalhamento de uma política específica (SOUZA, 2006).

Por várias décadas, o governo brasileiro e organizações relacionadas têm trabalhado estrategicamente para melhorar a alimentação das crianças em idade escolar. Embora, inicialmente, isso envolvesse oferecer comida suficiente para manter os alunos na escola, agora se concentra em uma faceta igualmente importante da dieta – a nutrição (PEDRAZA *et al.*, 2018).

Em 1954, com o objetivo de alimentar os alunos no país, o Brasil

instituiu o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). O programa, que continua ativo e importante para o sistema educacional brasileiro até hoje, atende a 40 milhões de alunos ou mais. Fornece alimentação diária a esses alunos, contando hoje com a expertise de mais de 8.000 nutricionistas para um melhor protocolo alimentar (PEDRAZA *et al.*, 2018).

Em colaboração, Silva Neto *et al.* (2023) pontuam que, o PNAE teve início na década de 40. Durante muito tempo foi visto como um programa de ajuda alimentar direcionado para combater a desnutrição e a baixa escolaridade. Embora ao longo dos anos o programa tenha mantido o foco na melhoria da alimentação das crianças em idade escolar, seus objetivos específicos, configuração institucional e normas e regulamentos evoluíram significativamente ao longo do tempo.

O PNAE atende a 40 milhões de alunos em mais de 160 mil escolas, em 5.570 municípios brasileiros (WFP, 2021). São preparadas cerca de 50.000 refeições diárias com a supervisão de nutricionistas. O programa é gerido pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e é acompanhado por 80 mil membros do Conselho de Alimentação Escolar (PEDRAZA *et al.*, 2018).

No Brasil, desde 2009, a lei 11.947 determina que um mínimo de 30% dos alimentos nos programas de alimentação escolar devem vir de agricultores familiares. Também é preferível que os programas de alimentação adquiram tais produtos de empresas locais, em vez de adquirir produtos de fontes mais distantes. As refeições dentro desses programas são baseadas em cardápios elaborados por nutricionistas para garantir a nutrição necessária para o desenvolvimento e o uso eficiente de fontes locais de alimentos (KROTH, 2020).

Desde então, o PNAE ajustou sua estratégia de alimentação para enfrentar esse dilema. O PNAE passou a priorizar frutas e hortaliças *in natura*, em detrimento de alimentos ricos em açúcar. De maneira geral, o PNAE dá ênfase à alimentação e não apenas à quantidade de alimentos oferecidos aos escolares (PEDRAZA *et al.*, 2018).

Além de tomar melhores decisões nutricionais durante a alimentação

dos alunos no Brasil, o PNAE também investiu tempo e esforço para fornecer um meio para o envolvimento da comunidade digital. O aplicativo ePNAE auxilia professores, nutricionistas, pais de alunos e as próprias crianças a consultarem opções de cardápios em todo o país. Esse aplicativo social permite que uma pessoa acompanhe os dados do repasse de recursos para cada escola e avalie a qualidade da alimentação ou merenda escolar da sua região. O aplicativo principal, disponível na Play Store e na App Store, também oferece várias “dicas de alimentação saudável”. Dessa forma, o próprio aplicativo ePNAE ajudam a conscientizar pais e alunos sobre a importância da alimentação (SILVA NETO *et al.*, 2023).

O PNAE, como um dos maiores programas de alimentação escolar do mundo, melhorou com sucesso sua estratégia de alimentação dos alunos no Brasil. Inspiradas pelos sucessos do PNAE, outras nações que buscam promover programas semelhantes estudam e implementam seu *modus operandi* (KROTH, 2020).

### **3.5 AGRICULTURA FAMILIAR NO BRASIL**

As diversas formas conceituais quanto à agricultura familiar no País constitui-se em um conjunto de relações, de forças e questões ideológicas que estiveram em gestação a partir dos anos de 1960 (PORTO; SIQUEIRA, 1994).

As reflexões contidas nos estudos realizados sobre a temática do campo, nas últimas décadas, indicam um esforço de compreensão das transformações ocorridas na sociedade e de construção da explicação dessas transformações. Mas envolvendo, ao mesmo tempo, um jogo de relações de forças entre correntes de pensamento, em um movimento marcado, em última instância, pela busca do estabelecimento e da manutenção de espaços teóricos hegemônicos. (PORTO; SIQUEIRA, 1994, p. 26).

O conceito de agricultura familiar não é estático, molda-se, transformando-se com o passar dos anos sob às dinâmicas do ambiente no qual está inserido. Para Seyferth (2011, p. 397), as “definições são ferramentas do pensamento e não verdades que duram para sempre”. Diante disso, recorreremos à uma perspectiva histórica para compreender uma noção do conceito da agricultura familiar enquanto uma categoria analítica no País.

Wanderley (2003) compreende que a agricultura familiar pode ser entendida como aquela em que a família é a proprietária dos meios de

produção ao mesmo tempo que assume o trabalho na propriedade rural, apresentando, dessa forma, uma significativa diversidade nas formas sociais de organização socioprodutiva.

Abramovay (1992) aponta que para uma compreensão da noção conceitual da agricultura familiar é necessário uma busca profunda quanto aos aspectos sociais, ambientais, econômicos e culturais. Em outras palavras, assumimos que as definições no interior da base da agricultura familiar são diversas e condicionadas às suas esferas sociais, espaciais e econômicas. Veiga (1991, p. 1991), por sua vez, afirma que o importante nesta discussão é: “Tentar entender o sentido geral do movimento histórico que fez com que a agricultura familiar tenha predominado de forma nítida em todos os Países capitalistas desenvolvidos neste século.” e para Lamarche (1993-1997, p. 314): “O estabelecimento familiar moderno funciona sensivelmente como estabelecimento de tipo camponês, com mais técnica e mais necessidades.”

No Brasil, os primeiros traços da agricultura familiar surgiram no Nordeste, no século XVI, com o plantio de cana-de-açúcar, marcado pelas origens coloniais da economia e sociedade brasileiras. Sobre o caso brasileiro, Wanderley acredita que o agricultor familiar, mesmo que modernizado para o mercado “[... ], por outro lado, por estar enfraquecido, nas condições da modernização brasileira, ainda conta com suas próprias forças na maioria das vezes, contando ainda com alguns traços camponeses.” (WANDERLEY, 1999: 52).

Segundo Faria (2006), com a monocultura e com a mão de obra escrava em grandes latifúndios, a agricultura se mantinha na produção da cana e com alguns cultivos para a sobrevivência da população da região. Mas a partir do século XVIII, o plantio do café e a extração de minério fizeram com que o Brasil iniciasse o seu desenvolvimento econômico e tendo no século XIX, o café como o principal produto, começando também cultivos de outros tipos de vegetais.

Conforme o Censo Agropecuário de 2017, o Brasil possui 5 milhões de pequenas propriedades rurais, representando 77% dos estabelecimentos da produção agrícola do país (IBGE, 2017); sendo a agricultura familiar responsável por grande parte da produção que abastece o comércio interno

no Brasil. De acordo com (IBGE, 2017), mais de 75% dos alimentos consumidos pelo mercado nacional são advindos desse setor da agricultura.

Informações do IBGE demonstram que no ano de 1980 residiam 39 milhões de pessoas no meio rural, número que em 2010 era de 29 milhões e atualmente 15 milhões de pessoas estão ocupadas com atividades agropecuárias (IBGE, 2017).

Ante a importância da agricultura familiar, há a preocupação acerca da continuidade das propriedades rurais que dependem da permanência da próxima geração para gestão da atividade. Brumer e Spavanello (2008) citam que dentre as causas pelas quais os filhos acabam não dando continuidade aos passos dos pais, estão, a desvalorização da atividade, o baixo incentivo de projetos aos jovens e às políticas públicas e a escassez de recursos para aquisição de terras.

A agricultura familiar brasileira, possui como objetivo em seu sistema de produção a diversificação de cultura que permite aos produtores a produção de alimentos e renda durante os doze meses do ano. Esse segmento de produção é significativo devido a sua função ambiental, econômica e social. Ambientalmente, a maneira de utilização da terra pode ter efeitos positivos ou nocivos ao meio ambiente; referente os aspectos econômicos, a agricultura familiar atua como uma atividade de sobrevivência das famílias, sendo fonte de trabalho e renda, com relação ao quesito social ela pode certificar a melhoria na qualidade de vida das pessoas (CHIARELLO; ORLOWSKI; WACKULICZ, 2008).

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 COMPOSIÇÃO DA AGROPECUÁRIA DE BURITIS-MG

Em Buritis, MG, um grupo de agricultores familiares são assentados da reforma agrária. Esse grupo é composto por 26 assentamentos de reforma agrária entre os projetos do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) em sua maioria, contabilizando um Banco da Terra e dois Paraterra, totalizando em torno de 1.200 famílias nestes lotes que formam comunidades tradicionais. Dessas, em torno de 800 a 1.000 famílias possuem produção agropecuária; principalmente bovinocultura de leite e corte cultivo de milho; feijão; hortaliças em geral; frutas em cultivo temporário atualmente com tendência ao uso de irrigação (ENTREVISTADO ENGENHEIRO AGRÔNOMO DA EMATER-MG, 2023).

Na agricultura familiar, o município possui mercados, feiras e Programas de Aquisição de Alimentos, onde os agricultores familiares podem comercializar seus produtos. O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) que em 2022 era o Programa Alimenta Brasil (PAB) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), beneficiando as escolas municipais e estaduais do município bem como diversas famílias da cidade. (ENTREVISTADO ENGENHEIRO AGRÔNOMO DA EMATER-MG, 2023).

A EMATER-MG através do escritório de Buritis presta apoio em toda a cadeia de produção e vendas de produtos agropecuários, que também conta com feiras livres, mercados e supermercados que compram os produtos dos agricultores e comercializam. A assistência prestada aos agricultores familiares é feita por parte da Secretaria de Agricultura de Buritis e também pela EMATER-MG, sendo as principais assistências realizadas: programa de aração e gradagem, construção de terraços em nível; construção de barraginhas; produção de silagem e transporte de calcário; programa de distribuição de sementes de milho e feijão aos agricultores. Também realizam o auxílio aos produtores em sua legalização junto ao Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA), Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA) e Vigilância Sanitária dos produtos que devem ser legalizados. Elaboram e acompanham propostas de financiamento do Pronaf, Pronaf Mais Alimentos,

emendas parlamentares na aquisição de patrulha mecanizada, tanque de leite e outros; bem como o apoio do viveiro municipal na distribuição de mudas de árvores nativas e assistência técnica em diversas áreas e culturas demandadas pelos agricultores (ENTREVISTADO ENGENHEIRO AGRÔNOMO DA EMATER-MG, 2023).

No programa ALIMENTAqui (programa de aquisição de alimentos), os projetos atendidos e os estabelecimentos incluídos são: programa sopão, programa pão e leite; cozinha comunitária; unidade de acolhimento; Centro de Referência de Assistência Social (CRAS); Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE); Centro de Atenção Psicossocial (CAPS); Lar São Vicente de Paulo e escolas (ENTREVISTADA PROGRAMA ALIMENTAqui, 2023).

O estabelecimento recebe os alimentos e produtos diretamente do produtor e realiza a distribuição de acordo com a demanda semanal para cada local; tendo uma estimativa total de 3 mil kg por semana. O pagamento é realizado por parte da Prefeitura Municipal em parceria com o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (ENTREVISTADA PROGRAMA ALIMENTAqui, 2023).



Figura 1 e 2. Estabelecimento de ação social e programa AlimentaAqui. Fonte: Pesquisa de campo. A autora.

A importância do programa, de acordo com a secretária da COMPRA DIRETA é mútua, para as famílias que recebem os alimentos e para o produtor. Para as famílias ajudando o acesso a uma alimentação adequada que é direito



básico de todos e impedindo que cheguem a um estado de vulnerabilidade nutricional e ao produtor pois incentiva a produção de alimentos mais sustentáveis (ENTREVISTADAPROGRAMA ALIMENTAqui, 2023).

O Produto Interno Bruto (PIB) do município de Buritis - MG de acordo com a estimativa do (IBGE, 2020) corresponde a R\$38.041,06, sendo a agropecuária local um importante fator para essa correspondência.

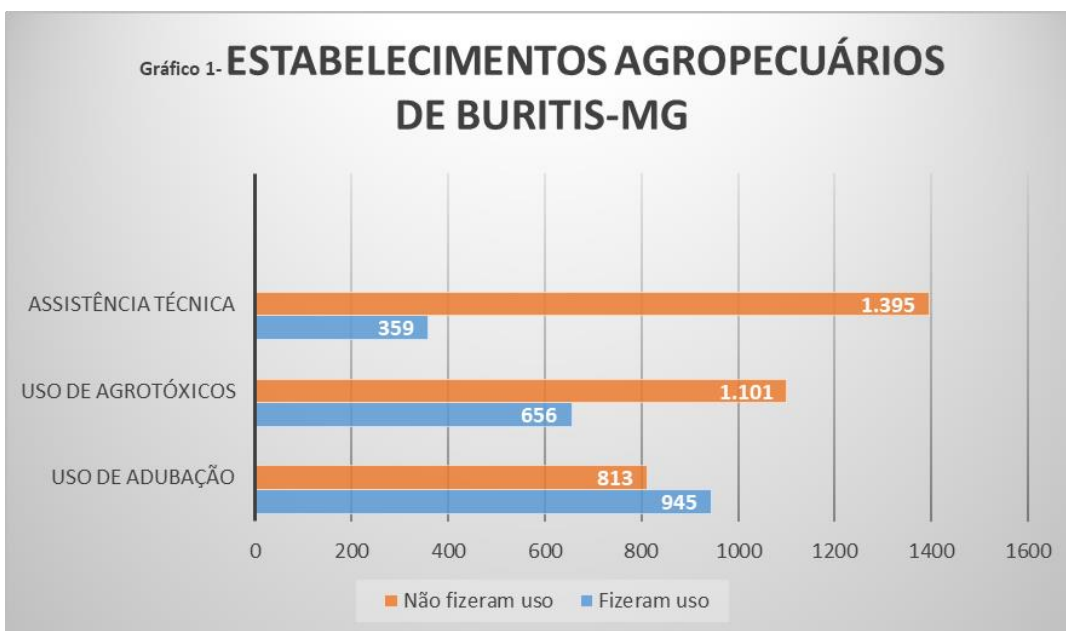
De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2017), o último Censo Agropecuário definitivo de 2017 do município de Buritis - MG, conta com algumas peculiaridades descritas na tabela 1 e gráfico 1 descritos a seguir.

**Tabela 1- CENSO  
AGROPECUÁRIO BURITIS-  
MG**

<b>ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS</b>	1.319 hectares - Produtor individual 435 hectares - Consórcio, união de pessoas
<b>LAVOURAS</b>	18.109 hectares – Permanentes 93.063 hectares - Temporárias
<b>PLANTIO DIRETO NA PALHA</b>	82.720 hectares
<b>USO DE IRRIGAÇÃO</b>	22.139 hectares

Tabela 1. CENSO Agropecuário de Buritis-MG.

Fonte: IBGE CIDADES (2017); Elaborada pela autora.



Buritis-MG Fonte: IBGE CIDADES (2017); Elaborada pela autora.

O Noroeste de Minas encontra-se como um dos maiores produtores de grãos do estado, sendo o município de Buritis o quarto maior produtor do estado, destaca-se no cultivo e produção das *commodities* de milho, soja e feijão (IMA, 2011).

O comércio da região era modesto, entretanto, com o expressivo crescimento da utilização de terras na produção agrícola, hoje o município possui diversas empresas agropecuárias, revendas de insumos, sementes, máquinas agrícolas e assistência técnica. O aumento de estabelecimentos é notório e tem gerado um importante desenvolvimento na cidade, pois interfere em todo o setor produtivo do município, que além da abertura de novas lojas, também possui um laticínio de grande escala que gera e movimenta diversos empregos e produtos que são comercializados dentro e fora do município, bem como uma empresa de aguardente que também configura-se como um importante comércio local. (ENTREVISTADO ENGENHEIRO AGRÔNOMO DA EMATER-MG, 2023).

De acordo com dados do IBGE (2017), a criação de animais, produção de frutas e olerícolas e as grandes culturas correspondem às quantidades representadas nos quadros 1, 2 e 3, a seguir.

<b>ANIMAIS DE PRODUÇÃO</b>	<b>CABEÇA</b>
<b>OVINOS</b>	1.300
<b>SUÍNOS</b>	8.631
<b>GADO</b>	82.000
<b>GALINÁCEOS</b>	86.000

Quadro 1.

Fonte: IBGE 2017; Elaborado pela autora.

<b>FRUTAS E OLERÍCOLAS</b>	<b>TONELADASIANO</b>
<b>MARACUJÁ</b>	49
<b>BANANA</b>	86
<b>MELANCIA</b>	377
<b>LARANJA</b>	3.670
<b>ABÓBORA, MORANGA E JERIMUM</b>	588

Quadro 2.

Fonte: IBGE 2017; Elaborado pela autora.

<b>GRAOS E GRANDES CULTURAS</b>	<b>TONELADASIANO</b>
<b>ARROZ</b>	31
<b>CANA DE AÇÚCAR</b>	3.249
<b>FEIJÃO</b>	20.275
<b>SORGO</b>	20.309
<b>MILHO</b>	171.395
<b>SOJA</b>	239.904

Quadro 3.

Fonte: IBGE 2017; Elaborado pela autora.

De acordo com o formulário de entrevista de forma *online*, que tende a facilitar a comunicação e encurtar os laços, obtivemos alguns resultados satisfatórios referentes às preferências do consumidor do município de Buritis, como é demonstrado a seguir.

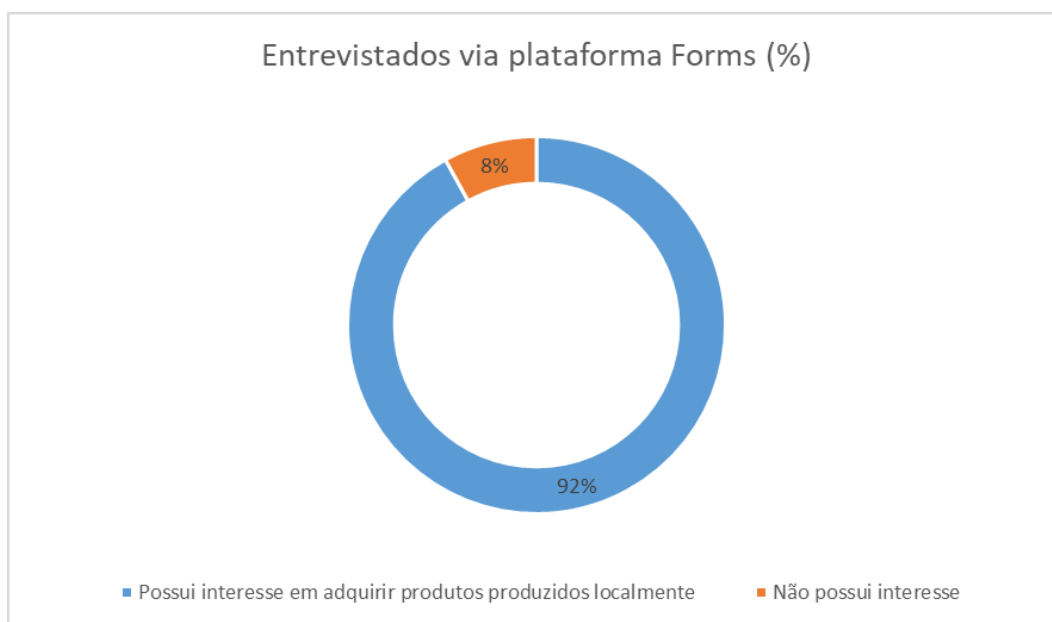


Gráfico 2. Entrevistados via formulário

Forms. Fonte: Formulário *Google*

*Forms*; a autora.

Analisando as respostas do questionário dos consumidores, correspondendo a 52 entrevistados por via *online* na plataforma *Google Forms* podemos notar que há um interesse grande por parte da população do município em adquirir produtos e alimentos provenientes da agropecuária local, revelando que existe a vontade de restabelecer o nível de conexão entre a produção e o consumo no município de Buritis, Minas Gerais. Destes, 47% dariam preferência aos produtos locais por saberem a procedência; 29% por contribuírem para a economia local e dos produtores e 24% pelo alimento ser mais fresco, tais resultados corroboram com outras pesquisas, que demonstram que o ritmo acelerado na época atual significa que os consumidores gastam cada vez menos tempo com os alimentos, preferindo alimentos saudáveis e fácil preparo (BUCKLEY et al., 2007; RAGAERT et al., 2004; KORHONEN, 2002). Além dessas propriedades, os consumidores demandam outras exigências, principalmente alta qualidade organoléptica e segurança, preferencialmente sem aditivos (MEYER et al., 2002).

## 4.2 PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO LOCAL

O município possui um Mercado Municipal construído pela Prefeitura Municipal com a finalidade de comercializar os produtos dos agricultores familiares, que funciona aos domingos na parte da manhã e outra feira paralela que funciona nas quartas-feiras na entrada da cidade. A Prefeitura regulamenta, organiza as concepções e horários do espaço. Os agricultores familiares possuem suas bancas especificadas e comercializam seus produtos para os consumidores locais, que geralmente, esgotam-se em poucas horas. (ENTREVISTADO PRODUTOR RURAL DE BURITIS-MG, 2023). Os comerciantes destinam uma taxa mensal para a Associação Comercial Municipal com a finalidade de custear despesas de limpeza e de locação do espaço, com base na Lei 013/2012 do Executivo Municipal de Buritis.



Figura 3. Mercado municipal do produtor (feira).Fonte: Pesquisa de campo. A autora.

São diversos produtos comercializados, desde alimentos até artesanatos. Com base na pesquisa de campo e visita ao mercado verifica-se que os principais produtos comercializados são: alface, rúcula, couve, cheiro-verde, hortelã, acelga, chuchu, quiabo, pimenta, maxixe, milho, mandioca, abóbora, caxixe, tomate, laranja, limão, banana, ovo caipira, queijo, leite, farinha, açafraão, pão, roscas, bolo, mel, tapioca, pastel, caldo de cana, galinha caipira, flores, tapetes e artesanatos em geral; a quantidade comercializada é empírica, já que depende da época do ano, da quantidade plantada e colhida pelos feirantes e de outras variáveis ao longo do ano. As Figuras a seguir mostram alguns produtos comercializados.



Figura 4. Abóbora, banana e laranja comercializados na Feira municipal. Fonte: Pesquisa de campo; a autora.



Figura 5. Milho verde sendo comercializado na Feira Municipal. Fonte: Pesquisa de campo; a autora.



Figura 6. Galinha caipira sendo comercializadas na Feira Municipal. Fonte: Pesquisa de campo; a autora.



Figura 7. Mel, açafão e farinha de mandioca comercializados pelos agricultores familiares Fonte: Pesquisa de campo. A autora.



Figura 8. Alface sendo comercializadas na Feira Municipal. Fonte: Pesquisa de campo. A autora.





Figura 9. Caxixe sendo comercializado na Feira Municipal.  
Fonte: Pesquisa de campo. A autora.



Figura 10. Melância sendo comercializadas na Feira Municipal.  
Fonte: Pesquisa de campo. A autora.



Figura 11. Artesanato, tapetes sendo comercializados na Feira Municipal.  
Fonte: Pesquisa de campo. A autora.

De acordo com entrevistas no local, a maioria dos produtores não utilizam nenhum tipo de agrotóxico, apenas insumos naturais, como compostagem e bioiscas (FEIRANTES MUNICIPAIS ENTREVISTADOS, 2023). O que gera uma procura maior por parte dos consumidores que conhecem a procedência e dão preferência à esse tipo de alimento no município. A feira funciona como uma troca entre consumidor e produtor de confiança, um ambiente que formam-se amizades e proporciona momentos de troca de informações e conhecimento.

Além das feiras, os agricultores vendem seus produtos em suas propriedades e informalmente. Nos supermercados, a maioria dos produtos de *hortifruti* são adquiridos fora da cidade, principalmente na Central de Abastecimento do Distrito Federal (CEASA-DF), e não são frequentemente adquiridos da agricultura local. O que é comumente encontrado nos supermercados locais, trata-se da parte pecuária. Os pecuaristas locais e os açougues possuem uma importante troca comercial em Buritis-MG, no qual havia um frigorífico na cidade que foi fechado, por isso há uma forte fiscalização sanitária devido esse entrave. Sobre as cooperativas, os produtores apresentaram uma certa resistência com esse tipo de associação e a atuação não é efetiva na cidade (ENTREVISTADO ENGENHEIRO AGRÔNOMO DA EMATER-MG, 2023).

Assim como mostram os dados do Censo Agropecuário de 2017 do IBGE, a maioria dos produtores expressam não utilizar nenhum tipo de assistência técnica. (IBGE, 2020). Em contrapartida, a maioria participa de políticas públicas de abastecimento alimentar do município, o que contribui de forma eficaz contra a vulnerabilidade de diversas famílias no município, que por muitas vezes não dispõe de condições financeiras para arcar com a alimentação diária, como corrobora Maluf e Reis (2013) que relatam que os gastos com a alimentação tendem a ocupar grande parte do orçamento de famílias em situação de pobreza, e por esse motivo, acabam comprometendo ao acesso a demais componentes de uma vida digna.

A comercialização consiste na venda dos produtos para os centros de distribuição da Prefeitura Municipal em parceria com o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, que realizam a intermediação para os projetos como o Programa Sópão e o

Programa Pão e Leite que distribui sopa e café da manhã para algumas famílias de baixa renda cadastrados no CRAS; distribuição de Kit Verde, que consiste na entrega de verduras e frutas por parte do PAA; além da entrega de produtos para a APAE, CAPS, Lar São Vicente de Paulo e escolas e PNAE (ENTREVISTADA COORDENADORA DO PROJETO ALIMENTAqui, 2023), evidencia-se que, o município está inserido em diversos programas que colaboram com a segurança alimentar da sociedade, reforçando o que Stédile e Carvalho (2011) relatam, no qual a garantia de que as pessoas não passem fome não é o suficiente, é necessário que haja a seguridade as formas de acesso à alimentação que tenha como base alimentos nutritivos e saudáveis, respeitando a cultura alimentar local, e que possa ser também produzida por sua própria população. Isto aumenta a responsabilidade em torno da questão.

Segundo dados do FNDE (2023), no ano de 2018 foram destinados ao município R\$121.398,77 dentro do PNAE. Desse total, uma quantia de R\$36.419,63 deveria ter sido utilizada para comprar produtos da agricultura familiar, pois conforme a Lei de 2009 (BRASIL, 2009), 30% do valor repassado

precisa ser aplicado na compra direta de produtos da agricultura familiar.

A Emater-MG presta serviços de assistência técnica e extensão rural que contemplam a emissão da Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP), reuniões de mobilização, visitas técnicas para orientar na produção e no processamento e consultorias para formalização e desenvolvimento de empreendimentos como cooperativas, associações e agroindústria, bem como a participação e inclusão nos projetos de política pública do município. (ENTREVISTADO ENGENHEIRO AGRÔNOMO DA EMATER-MG, 2023).

## 5. CONCLUSÃO

É evidente a relevância da agricultura, tanto familiar quanto de *commodities*, do município de Buritis, MG, que configura-se como uma cidade de grande potencial agrícola. Há a possibilidade de encurtar a cadeia de comercialização, pois o município possui uma enorme quantidade de agricultores e meios de compra e venda que ainda não são bem explorados.

A feira livre é a principal via de compra e venda da cidade, sendo eficaz tanto aos agricultores familiares quanto aos consumidores, que dão preferência principalmente às hortaliças comercializadas por eles, do que as encontradas nos supermercados embalados. Devido à dificuldade de infusão dos produtos nas redes de supermercados, alguns consumidores acabam adquirindo da rede, que contam com uma variedade maior na venda de frutas e legumes, que são comprados na CEASA-DF, em sua maioria. Haveria a necessidade de uma intervenção por parte do governo municipal entre os produtores e os mercados locais para que a compra dos produtos se tornem vantajosa para ambos para que haja a valorização do produto local e o encurtamento da cadeia no transporte entre outros estados.

A participação de agricultores nos programas de compras governamentais da agricultura familiar como o PAA e o PNAE, comporta-se como uma boa estratégia para ambos, que no município possui uma robusta participação, apesar da nítida necessidade de um maior investimento às propostas e efetivações de contrato, pois muitas vezes, por falta de informação, alguns agricultores ficam a deriva de uma possível participação em tais projetos; que poderia ser resolvido por meio da união em cooperativas que atualmente não é formalizada.

É preciso constatar que os dados para a pesquisa foram dificultados devido ao município não disponibilizar de forma clara a quantidade exata tanto de produtores cadastrados quanto do que é adquirido pela agricultura familiar, sendo disponibilizados apenas estimativas. Uma forma de resolver tal problema seria investir em meios de comunicação e de transparência mais eficientes, que seria válido tanto para o público em geral quanto aos

produtores, que necessitam serem contemplados com informações de qualidade.

Destarte, como sugestões para pesquisas futuras, como possíveis extensões, a fim de diminuir as limitações encontradas durante essa pesquisa, propõe-se um levantamento de dados especificamente referente à quantidade de produtores e famílias inseridas nos projetos de políticas públicas do município bem como os aspectos quantitativos da extensa produção de *commodities* local, a qual não foi possível obter informações satisfatórias por falta de referências e bibliografia sobre o tema.

---

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos à Fundação de Apoio a Pesquisa do Distrito Federal -- FAP-DF e ao Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pela concessão de bolsa durante o período de desenvolvimento desta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: Hucitec, 1992.

AGUM, R.; RISCADO, P.; MENEZES, M. Políticas públicas: conceitos e análise em revisão. **Revista Agenda Política**, vol. 3, n. 2, 2015.

AKAICHI, F., Nayga Jr, R. M., & Nalley, L. L. 2017. Are there tradeoffs in valuation with respect to greenhouse gas emissions, origin and food miles attributes? **European Review of Agricultural Economics**, 44, 3-31. <https://doi.org/10.1093/erae/jbw008>.

BELLETTI, G.; MARESCOTTI, A. Inovações econômicas em cadeias curtas de abastecimento alimentar. In: SCHNEIDER, S.; GAZOLLA, M. (Orgs.) **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas** – negócios e mercados da agricultura familiar. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

BRASIL. Lei nº 94/1998, 19 de fevereiro de 1998. Institui o Código Civil. **Diário Oficial da União**. seção 1, Brasília, 10 mai. 2018.

BUCKLEY, M.; COWAN, C.; MCCARTHY, M. The convenience food market in Great Britain: Convenience food lifestyle (CFL) segments. **Appetite**, London, v. 49, n. 3, p. 600- 617, 2007. <http://dx.doi.org/10.1016/j.appet.2007.03.226>.

CASSIANO, J. B. **Sistemas alimentares sustentáveis e segurança alimentar e nutricional no Brasil: uma revisão integrativa**. 2021. 52f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Nutrição) - Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto, 2021.

CATI. **Coordenador da CDRS/CATI visita municípios atendidos com kits de alimentos do PAA** – Cesta Verde um projeto que dá garantia de compra ao produtor e de alimento às famílias vulneráveis. Disponível em: <https://www.cati.sp.gov.br/portal/imprensa/noticia/coordenador-da-cdrscati-visita-municipios-atendidos-com-kits-de-alimentos-do-paa-%E2%80%93-cesta-verde-um-projeto-que-da-garantia-de-compra-ao-produtor-e-de-alimento-%C3%A0sfamiliasvulneraveis#:~:text=O%20programa%20articula%20as%20a%C3%A7%C3%B5es,para%20compor%20a%20sua%20alimenta%C3%A7%C3%A3o.>> Acesso em: 23 Mar. 2023.

CHIARELLO, M.; ORLOWSKI, R. F.; WACKULICZ, G. J. Feiras livres: uma alternativa de geração de renda aos agricultores familiares de Chapecó (SC). In: **Encontro de Economia Catarinense**, 2, 2008. Anais... Chapecó, SC: APEC, 2008

CONTINI, E. **Dinamismo do agronegócio brasileiro**. Agronline.com.br, 2001. Disponível em: <http://www.agronline.com.br/artigos/artigo.php?id=7>. Acessado em 10 de junho de 2023.

DAROLT, M. R.; LAMINE, C.; BRANDENBURG, A. A diversidade dos circuitos curtos de alimentos ecológicos: ensinamentos do caso brasileiro e francês. **Revista agriculturas: Experiências em Agroecologia**, v. 10, n. 2, p. 8– 13, 2013.

FORNAZIER, Armando; BELIK, Walter. Produção e consumo local de alimentos:

novas abordagens e perspectivas para as políticas públicas. **Segurança Alimentar e Nutricional**, v. 20, n. 2, p. 204-218, 2013.

FORNAZIER, Armando; MORAES SILVA, T. **Ticket feira e a indução aos circuitos curtos de comercialização de produtos agroindustriais**. In: Third International Conference Agriculture and Food in an Urbanizing Society - III AgUrb, 2018, Porto Alegre, RS. Healthy food, socio-biodiversity, and sustainable agrifood systems: innovations from consumption to production. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2018. p. 1-10.

FRANZONI, G. B. **Inovação Social e Tecnologia Social: o caso da cadeia curta de agricultores familiares e a alimentação escolar em Porto Alegre/RS**. 2015. 146 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Escola de Administração, Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2015.

GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. (Orgs.). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 241-250.

GUALDANI, Carla. **Assentamentos da reforma agrária em regiões produtivas do agronegócio: territorialidades, segurança alimentar e acesso à água, no município de Buritis - MG**. 2019. Tese (Dout. em Geografia)—UnB, Brasília, 2019.

HEIDEMANN, F. & SALM, J. **Políticas Públicas e Desenvolvimento: Bases epistemológicas e modelos de análise**. Brasília: Ed UnB, 2009.

KROTH, D. C.; GEREMIA, D. S.; MUSSIO, B. R. Programa Nacional de Alimentação Escolar: uma política pública saudável. **Ciênc. saúde coletiva** 25 (10) 28 Set 2020.

LAMARCHE, Hugues. **A agricultura familiar: comparação internacional – uma realidade multiforme**. Campinas: Fundação de Desenvolvimento da UNICAMP, 1993-1997. v. 1.

M.F. BRAZ,R.J. **Os canais de distribuição da agricultura familiar para a comercialização de seus produtos: o caso da região de Chapecó/SC**. 2007. Disponível em:<[https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos07/881\\_artigo%20-%20Agricultura%20Familiar%20SEGET2007.pdf](https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos07/881_artigo%20-%20Agricultura%20Familiar%20SEGET2007.pdf)>. Acesso em: 21 abril, 2023.

MACEDO, R. C.; GOMES, I. R. **Os modelos de produção e abastecimento alimentar: desafios relacionados aos ODS/ONU**. XIX Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, 2021.

MALUF, R. S. Mercados agroalimentares e a agricultura familiar no Brasil: agregação de valor, cadeias integradas e circuitos regionais. **Ensaio FEE**, v. 25, n. 1, p. 299–322, 2004.

MARSDEN, T.; BANKS, J.; BRISTOW, G. Food supply chain approaches: exploring their role in rural development. **Sociologia ruralis**, v. 40, n. 4, p. 424-438, 2000.

MEYER, A. S.; SUHR, K. I.; NIELSEN, P.; LYNGBY, HOLM, F. Natural food preservatives. In: OHLSSON T.; BENGTSSON, N. (Ed.). **Minimal processing technologies in the food industry**, Cambridge, Woodhead publishing, 2002, cap. 6,

p. 124- 174.

MICHELLON, E.; MOLINA, E.C.; COSTA, T.R.; Feira do Produtor Rural Pela Visão dos Consumidores. In: V EPC **Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar**, 2009.

MORGAN, K.; SONNINO, R. **The School Food Revolution: Public Food and the Challenge of Sustainable Development**. Earthscan, London, 2008.

NETO, D. S. M.; GARCIA, R. P. M.; ALMASSY JUNIOR, A. A. O Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae) a partir da sua gestão de descentralização. **Ensaio: aval. pol. públ. educ.** 31 (118) Jan-Mar 2023.

OLIVEIRA, D. C. de; BARBOSA, R. S. Agronegócio, desenvolvimento socioeconômico e a fronteira da desigualdade em Buritis (MG). **Caminhos de Geografia**, v. 10, n. 29, p. 113 -124, 2009.

OLIVEIRA, K. B. **Produção e abastecimento alimentar em posse - Goiás: a (Des)conexão entre a produção e o consumo de frutas, legumes e verduras**. 2019. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Agronomia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

PEDRAZA, D. F.; MELO, N. L. S.; SILVA, F. A.; ARAUJO, E. M. N. **Avaliação do Programa Nacional de Alimentação Escolar: revisão de literatura**. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/csc/a/9SC5X6kS4Y8QCxH4gnzvPfB/?format=pdf&lang=pt>>

A

cessoem: 23 Mar. 2023.

PEREZ-CASSARINO, J. et al. **Abastecimento alimentar: redes alternativas e mercados institucionais**. Chapecó: Ed. UFFS; Praia, Cabo Verde: UNICV, 2018.

PIANO, C. M.; ROSSI, C. E. **Programa nacional de alimentação escolar e o atendimento à cultura alimentar em municípios do Paraná**. Chapecó: Editora UFFS; Praia, Cabo Verde: UNICV, 2018, pp. 137-152.

PLOEG, J.D.; JINGZHONG, Ye; SCHNEIDER, Sergio. Rural development reconsidered: building on comparative perspectives from China, Brazil and the European Union. **Rivista Di Economia Agraria**, ano LXV, n. 2, p. 163-190, 2010.

PREFEITURA DE CIANORTE. **Secretaria municipal de educação começa a entrega do kit verde**. Disponível em:

<[https://cianorte.pr.gov.br/noticiasView/6723\\_Secretaria-Municipal-de-Educacao-inicia-entrega-do-kit-verde-na-segunda-feira.html#:~:text=Conhecido%20como%20kit%20verde%2C%20o,de%20fruta%2C%20mandioca%20e%20ovos.](https://cianorte.pr.gov.br/noticiasView/6723_Secretaria-Municipal-de-Educacao-inicia-entrega-do-kit-verde-na-segunda-feira.html#:~:text=Conhecido%20como%20kit%20verde%2C%20o,de%20fruta%2C%20mandioca%20e%20ovos.)> Acesso em: 23 Mar. 2023.



PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUEIROZ, S. S.; GRANDI, A. M.; PLEIN, C. Cadeias curtas de abastecimento de alimentos: uma caracterização nos mercados locais por meio dos estudos empíricos. RECIMA21 - **Revista Científica Multidisciplinar** - ISSN 2675-6218, 3(1), 2022.

RAGAERT, P.; VERBEKE, W.; DEVLIEGHERE, F.; DEBEVERE, J. Consumer perception and choice of minimally processed vegetables and packaged fruits. **Food Quality and Preference**, Essex, v. 15, n. 3, p. 259-270, 2004. [http://dx.doi.org/10.1016/S0950-3293\(03\)00066-1](http://dx.doi.org/10.1016/S0950-3293(03)00066-1)

REARDON, Thomas. Agrifood Industry Transformation and Small Farmers in Developing Countries. **World Development**, v. 37, n. 11, p. 1717-1727, 2009.

RELVAS, C.; Henrique Gama. **Mapeamento dos mercados e canais de comercialização da APOFAC de Humaita/AM**. 2022.

RENTING, H.; MARSDEN, T.K.; BANKS, J. **Understanding alternative food networks: and Planning A**, v. 35, p. 393-411, 2003. exploring the role of short food supply chains in rural development. *Environment and Planning A*, 35(3), 393-411. <https://doi.org/10.1068/a3510>

ROCHA, C; BURLANDY, L; MAGALHÃES, R. **Segurança alimentar e nutricional: perspectivas, aprendizados e desafios para as políticas pública**. Editora FIOCRUZ, 2013, cap. 1, p.15-45.

RUIZ, J. A. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. São Paulo (SP): Atlas; 1992.

SILVA FILHO, O. J.; GOMES JUNIOR, N. N. O amanhã vai à mesa: abastecimento alimentare Covid-19. **Cad. Saúde Pública** 36 (5) 2020.

SILVA, M. N. et al. A agricultura familiar e os circuitos curtos de comercialização de alimentos: estudo de caso da feira livre do município de Jaguarão, RS, Brasil. **Espacios**, v. 38, n. 47, Pág. 7, 2017.

SOUZA, AMANDA BORGES DE; FORNAZIER, Armando; DELGROSSI, M. E. Local food systems: potential for new market connections for family farming. **Ambiente & Sociedade**, v.23, p. 1-20, 2020.

SOUZA, C. **Políticas públicas: uma revisão da literatura**. **Sociologias**, n.16, Porto Alegrejul./dez. 2006.

STÉDILE, J.P; CARVALHO, H.M. **Soberanía Alimentaría: una necesidad de los pueblos**. In: Ministério do Desenvolvimento Social. *Brasil sem fome*. Brasília, 2011.

UNIÃO EUROPEIA. **Parecer do Comité das Regiões sobre «Sistemas alimentares locais»**. janeiro

de2011.<htt

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro**. In: TEDESCO, João Carlos (org.). *Agricultura Familiar Realidades e Perspectivas*. 2 a. ed. Passo Fundo: EDIUPF, 1999. Cap. 1, p. 21-55.



## **APÊNDICE I**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE AGRONOMIA E MEDICINA  
VETERINÁRIAACADÊMICA: MAÍRA FERNANDES  
GUEDES**

Esta pesquisa tem como objetivo elucidar dúvidas a respeito da situação dos agricultores familiares do município de Buritis-MG.

Roteiro de entrevista – ENGENHEIRO AGRÔNOMO DA EMATER-MG DE BURITIS.

1. Como se dispõe (panorama) da agricultura familiar em Buritis-MG?
2. Como funciona a assistência técnica e extensão rural aos agricultores do município?
3. Quais os programas atendem?
4. Quantas famílias vivem em assentamentos?
5. A EMATER tem apoio da prefeitura municipal?
6. Há políticas públicas de incentivo aos agricultores?
7. Quais os principais produtos produzidos no município?



**APÊNDICE II**  
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE AGRONOMIA E MEDICINA  
VETERINÁRIAACADÊMICA: MAÍRA FERNANDES  
GUEDES

Esta pesquisa tem como objetivo elucidar dúvidas a respeito da situação dos agricultores familiares do município de Buritis-MG.

Roteiro de entrevista – RESPONSÁVEL PELO PROGRAMA ALIMENTAqui  
DEBURITIS-MG.

1. Quais os projetos são incluídos?
2. São abordados somente pequenos produtores e produtores familiares?
3. Como é feita a compra e a frequência? Há algum tipo de cadastro?
4. Como são transportadas essas verduras?
5. Para onde vão antes de chegar ao destino final?
6. Qual o volume médio de compra semanal das verduras?
7. Há muita variedade de verduras compradas?
8. Como é feita a decisão de para onde ir o estoque?
9. Como é feito o transporte para a destinação final?
10. Qual a quantidade de famílias que são atendidas?
11. São atendidas escolas para merenda escolar?
12. Qual a importância na sua visão desses projetos e a relevância dos produtores rurais de Buritis?



**APÊNDICE III**  
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE AGRONOMIA E MEDICINA  
VETERINÁRIAACADÊMICA: MAÍRA FERNANDES  
GUEDES

Esta pesquisa tem como objetivo elucidar dúvidas a respeito da situação dos agricultores familiares do município de Buritis-MG.

Roteiro de entrevista – PRODUTORA RURAL DE BURITIS-MG.

1. É um(a) agricultor familiar?
2. Quais produtos produz e qual a quantidade média?
3. Recebe algum tipo de assistência técnica?
4. Qual a forma e local de comercialização dos produtos?
5. Tem algum incentivo governamental?
6. Qual tipo de transporte utiliza no transporte dos produtos?
7. Quais os maiores desafios na produção?



## APÊNDICE IV

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE AGRONOMIA E MEDICINA VETERINÁRIA  
ACADÊMICA: MAÍRA FERNANDES GUEDES

Esta pesquisa tem como objetivo elucidar dúvidas a respeito da situação dos agricultores familiares do município de Buritis-MG.

Formulário na plataforma *GOOGLE FORMS*.

Quantidade de entrevistados: 52

### Amostragem para definir o padrão alimentar local

Formulário com fim acadêmico de pesquisa sobre a agricultura municipal de Buritis-MG

 mairafguedes@gmail.com (não compartilhado)  
[Alternar conta](#)



Idade

Sua resposta

Você frequenta feiras municipais ?

SIM

NÃO

- LIMÃO
  - MANDIOCA
  - PIMENTÃO
  - TOMATE
  - QUIABO
  - VAGEM
  - HORTALIÇAS
- 

Onde você compra esses produtos ?

- SUPERMERCADO DA CIDADE
- FEIRAS (FEIRA TRADICIONAL E FEIRA LIVRE)
- EM OUTRAS CIDADES

Você consome alimentos e produtos produzidos no município de Buritis com frequência ?

- SIM, COM FREQUENCIA
  - RARAMENTE
- 

Quais produtos você consome com maior frequência ?

- ABÓBORA\ABOBRINHA
- BANANA
- BATATA
- BETERRABA
- CHUCHU
- CEBOLA
- LARANJA

Você sabe de onde vem esses produtos até chegar no local de compra ?

- SIM
  - NÃO E NÃO ME IMPORTO
  - NÃO SEI, MAS GOSTARIA, TENHO INTERESSE
- 

O que você mais valoriza ao comprar um produto da agricultura familiar ?

- PRODUTO SER MAIS FRESCO
  - SABER A PROCEDÊNCIA
  - AJUDAR A ECONOMIA LOCAL E OS PRODUTORES RURAIS
-